A Transcriação de bibliotecas-parque: uma Tradução Intersemiótica de culturas urbanas[1]

Ludmila Martins Naves Capuzzo [2]
Andréa Pereira dos Santos[3]
Universidade Federal de Goiás – UFG

Resumo
Este artigo propõe uma inflexão teórica no entendimento da transcriação, deslocando-a de sua função artística e publicitária para o seu uso como uma ferramenta de tradução no campo da comunicação. Plaza (2003), compreende a transcriação como tradução intersemiótica que reorganiza os signos, territorializa os afetos e traduz pertencimentos. A partir da análise teórica inicial da tradução intersemiótica, apresenta-se uma pesquisa em andamento sobre as bibliotecas-parque de Medellín e suas traduções no Brasil como superfícies simbólicas de mediação. Conclui-se que a transcriação atua como linguagem estética e política que transforma espaços culturais em dispositivos comunicacionais de cidadania e reinvenção simbólica.

Palavra-chave: Transcriação; Tradução Intersemiótica; comunicação simbólica; culturas urbanas; bibliotecas-parque.

Introdução

Na contemporaneidade comunicacional, caracterizada pela saturação de signos, a partir da convergência de linguagens e da porosidade das fronteiras culturais, entende-se, a publicidade além de uma compreensão tradicional e prática de mercado orientada à venda de produtos e para isso, ela utiliza de traduções culturais para ancorar um produto em uma cultura. Esse tipo de tradução criativa segundo Alves (2018) é a transcriação e para Santaella (2001) ao ser usada como um dispositivo simbólico de reorganização estética e produção de sentidos, a transcriação pode ser usada para (des)territorializar linguagens e ativar o campo do sensível.

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Ciências da Informação na Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: capuzzo@discente.ufg.br.

[3] Pós Doutora em Ciência da Informação, professora no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Ciências da Informação na Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: andreabiblio@ufg.com.br

Nesse contexto, emerge a transcriação como uma ferramenta de estratégia discursiva que desafia os limites da tradução literal. Inicialmente, esse conceito vincula-se à tradução poética nos estudos de Haroldo de Campos (1986), posteriormente sendo estudada e aprofundada no campo intersemiótico por Plaza (2003), a transcriação se afirma como processo criativo e sensorial de deslocamento de sentidos e reinvenção simbólica, que atravessa códigos verbais, visuais, sonoros e performáticos em diferentes culturas.

No cenário da publicidade global, a transcriação ganha centralidade ao permitir que marcas dialoguem com culturas diversas sem comprometer sua identidade global. Não se trata apenas de traduzir conteúdos, mas da construção de atmosferas efetivamente reconhecíveis como dimensões simbólicas em uma determinada cultura e espaço urbano. Dessa forma, a tradução intersemiótica enquanto transcriação ao ser utilizada como uma ferramenta de mobilização de repertórios locais, ativa modos de vida desejáveis segundo Alves (2018) e assim, traduz a ideia de uma cultura para outra.

Contudo, o presente artigo propõe uma inflexão nesse entendimento ao deslocar a transcriação de seu uso no mercado de consumo publicitário para sua apropriação crítica como ferramenta discursiva e estética nos estudos tradutórios de culturas urbanas. A hipótese que orienta esta investigação é a de que a transcriação deve ser compreendida no campo da comunicação como uma prática comunicacional capaz de reorganizar sentidos em diferentes contextos. E no presente estudo, contextos que são socialmente marcados por desigualdades. Ao atravessar fronteiras semióticas e afetivas, a transcriação constrói mediações sensíveis entre corpos, territórios e narrativas. Compreende-se, como a transcriação ao ser entendida como tradução intersemiótica, opera na ressignificação de espaços culturais urbanos. Ancorando-se, como uma ferramenta de estratégia criativa e cultural com a capacidade de revelar uma leitura glocalizada das necessidades replicadas às bibliotecas-parque de Medellín e suas reverberações no Brasil.

Este estudo parte de uma perspectiva metodológica de tradução intersemiótica conforme proposta por Plaza (2003), que entende a transcriação como um processo de criação no qual ocorre a migração de signos entre diferentes sistemas de linguagens, do verbal ao visual, do sonoro ao espacial, do sensível ao simbólico. Trata-se de um gesto que não apenas adapta conteúdos, mas reorganiza códigos e redesigna sentidos ao longo de sua travessia midiática. Esses espaços são interpretados como signos glocalizados, nos

quais o ato de leitura, a arquitetura e principalmente a juventude se entrelaçam em linguagens urbanas de cidadania.

Sendo assim, ao reposicionar a transcriação como um tipo de ferramenta que serve para trabalhar uma estratégia de comunicação simbólica e sensível mediada pela tradução de um espaço cultural e urbano em uma biblioteca-parque, propõe-se um novo olhar na epistemologia da comunicação. A transcriação deixa de ser somente uma adaptação de culturas e passa a ser uma ferramenta para estratégia política, sendo capaz de traduzir a partir da comunicação simbólica em culturas urbanas, mundos possíveis.

1 Metodologia

A estratégia metodológica articula três procedimentos fundamentais: a pesquisa bibliográfica das bibliotecas-parque, a análise documental e o estudo de caso na pesquisa em andamento. Para investigar como pode ocorrer a tradução intersemiótica do modelo de biblioteca-parque de Medellín e como tem acontecido com os modelos desse tipo de espaços no Brasil, tem sido realizado um estudo da arte sobre essas bibliotecas. E para o presente artigo, é apresentado inicialmente a discussão sobre o conceito de transcriação a partir da metodologia de tradução intersemiótica de Julio Plaza (2003). Autores como Bauer e Gaskell (2002) contribuem com fundamentos epistemológicos da pesquisa qualitativa, enquanto Bauman (2001) e Thompson (2006) oferecem subsídios teóricos para a análise do consumo simbólico em sociedades liquefeitas.

Ao adotar essa perspectiva, o presente trabalho não se limita à análise linguística ou semântica dos discursos urbanos, observa as bibliotecas-parque como dispositivos de tradução intersemiótica entre tempo e espaço na cultura e em sua dimensão urbana. Dessa forma, a transcriação de informações e necessidades culturais para instalar esses espaços em territórios periféricos, articulam arquitetura, leitura, design, performance e a participação social em uma linguagem híbrida, multissensorial e glocalizada. Observa-se, que a partir desse enquadramento teórico-metodológico o conceito de transcriação para o campo da comunicação não é utilizado somente como uma ferramenta ou técnica de uso para a criação publicitária, mas como uma tecnologia discursiva e estética que reorganiza o espaço como superfície simbólica de pertencimento e tradução cultural.

Nessa abordagem, considera-se os enunciados urbanos como sistemas de signos complexos, que devem ser lidos com as lentes da intersemiose, ou seja, sistemas a serem lidos e interpretados a partir de uma transcodificação entre linguagens e com base em

suas mediações afetivas, visuais e informacionais. Assim, ao aplicar a noção de Plaza, o estudo propõe uma leitura das bibliotecas-parque como transcriações culturais as quais operam não pela redundância da repetição, mas pela potência da reinvenção dos sentidos.

Em outras palavras, trata-se de reconhecer que, nas bibliotecas-parque, a cultura urbana não apenas se expressa: ela se reinscreve, se reencena e se comunica por meio de linguagens que traduzem a experiência coletiva em forma viva de mediação simbólica e ressignificação social por meio de um espaço público onde permeiam informações, arte, cultura e tecnologias.

2 A Transcriação como chave de leitura simbólica das bibliotecas-parque

Para ser uma chave de leitura simbólica, a transcriação enquanto uma forma de tradução intersemiótica como fundamento epistemológico da transcriação cultural, é para este estudo uma ferramenta tradutória. Conforme formulada por Roman Jakobson (1969), consiste na transposição de signos verbais para sistemas de signos não verbais e vice-versa. Ao se converter um texto literário em imagem, arquitetura ou performance, Plaza (2003), elaborou uma concepção expandida e crítica do conceito, propondo a tradução intersemiótica como ferramenta de operação simbólica situada historicamente, que reorganiza linguagens e redesenha sentidos dentro do campo da criação artística e outros, para além dos limites da fidelidade representacional do signo. Nesse sentido, o autor se ancora na construção de um processo criativo que também é cultural e político, sendo a tradução intersemiótica uma teoria que atua sobre diferentes meios e suportes de modo que estabeleça pontes entre códigos sensíveis e discursivos, entre cultura e estética, entre a linguagem e o território como no caso da transcriação e no presente estudo, a partir do tema das bibliotecas-parque de Medellín na Colômbia e as do Brasil.

No contexto contemporâneo, em que as linguagens operam de forma cada vez mais híbrida e interdependente, a tradução intersemiótica se revela não apenas como técnica artística, mas como método de leitura e intervenção nos processos comunicacionais. Plaza (2003) afirma que a tradução intersemiótica deve ser entendida como uma forma crítica de leitura da história e da cultura, capaz de instaurar novas constelações de sentido entre passado, presente e futuro. Inspirado por Walter Benjamin e Haroldo de Campos, o autor propõe que traduzir é, antes de tudo, ler com atenção radical**:** resgatar o passado como possibilidade latente, mobilizá-lo no presente e projetá-lo como diferença para o futuro.

Nesse tipo de tradução, ao ser deslocada de seu domínio verbal para uma dimensão estética expandida, Plaza rompe com o paradigma da equivalência e da hierarquia entre linguagens e denomina essa forma tradutória como intersemiótica. A intersemiose, nesse sentido, é compreendida como uma prática interdisciplinar e política, na qual a forma não é apenas uma superfície, mas uma parte constitutiva da produção de sentido. O ato de traduzir intersemioticamente, implica em reconhecer que a historicidade dos meios, sejam eles gráficos, visuais, espaciais ou digitais, afeta diretamente a recepção e os modos de significação. Como aponta o autor, "os meios técnicos de produção da arte não são meros aparatos estranhos à criação, mas determinantes dos procedimentos e das formas que ela pode assumir" (Plaza, 2003, p. 104).

A contribuição teórica de Plaza (2003), importa para compreender experiências comunicacionais que atuam na intersecção entre estética, política pública e cidadania, como é o caso das bibliotecas-parque. Esses espaços urbanos informam, mas também comunicam. Operam como superfícies intersemióticas de tradução cultural, em que a leitura não se limita ao livro, mas se projeta no espaço, no corpo e na convivência. Arquitetura, programação cultural, design e participação social são aqui compreendidos como linguagens em um diálogo, cuja articulação performa narrativas simbólicas de pertencimento em uma determinada cultura. Nesse sentido, a tradução intersemiótica funciona como uma ferramenta de comunicação e apresenta um olhar epistemológico da transcriação que surge nas artes e é transcriado entre os espaços e informações, mídia e cultura. Por isso, se torna compreensível de que forma os signos urbanos se reorganizam poeticamente, utopicamente e/ou distopicamente para instaurarem sentidos outros em territórios historicamente silenciados.

3 A Tradução Intersemiótica e o tempo são a história como linguagem

A tradução intersemiótica não deve ser compreendida como mera transposição de códigos entre linguagens, mas como operação crítica e criativa que reinscreve o tempo em forma, de acordo com Plaza (2003). Assim, o ato de traduzir, nesse enquadramento, transcende à linearidade presente na história e instaura constelações simbólicas entre passado, presente e futuro. Plaza (2003) propõe, em diálogo com Benjamin (1973), Campos (1969) e Peirce (1978), uma abordagem sincrônica da tradução, na qual a história

é lida como linguagem e a linguagem é tratada como campo histórico de reorganização simbólica.

Nos estudos de Plaza (2003, p. 23), "a operação tradutora como trânsito criativo de linguagens nada tem a ver com a fidelidade, porque ela cria a sua própria verdade", e se articula com síntese estética entre tempos, suportes e afetos. Essa concepção temporal da tradução não separa as esferas do passado e do presente; ao contrário, afirma que "o presente só pode ser compreendido na medida em que se conhece o passado" (PLAZA, 2003, p. 24). Por esse motivo, o ato de traduzir é também ler, selecionar, reorganizar e reatualizar o passado como possibilidade viva.

Benjamin (1973, pg. 80) entende que, "articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele verdadeiramente foi, significa apoderar-se de uma forma de recordação tal como ela relampeja num instante de perigo". Plaza (2003) apresenta essa ideia e afirma que a tradução intersemiótica consiste na ativação crítica de memórias históricas a partir do aqui-agora do tradutor, que se confronta com o passado não como registro estático, mas como uma imagem condensada e tensionada entre tempos, capaz de iluminar o presente e projetar o futuro.

De forma convergente, Campos (1969) contribui para essa abordagem ao afirmar de que forma a poética sincrônica acontece sobre o passado em uma perspectiva crítica da tradução. Para Campos (1969, p. 2015) essa forma de crítica a uma temporalidade, é uma forma de transformar essa crítica em "cortes sincrônicos sucessivos", possibilitando a existência de um traçado diacrônico e renovado da herança literária e então, a conexão entre diferentes espaços e tempos. Assim, a tradução intersemiótica assume a transcriação como um gesto estético-político que funciona como uma ferramenta capaz de atuar nas espessuras da história, não para repetir tradições, mas para reorganizá-las a partir de suas fissuras e potencialidades ainda não realizadas.

Plaza (2003, p. 89) propõe um tripé temporal que define a tradução como "trama entre passado, presente e futuro", na qual cada polo opera uma função distinta: o passado como ícone, o presente como índice e o futuro como símbolo. O passado é captado como imagem sensível e reconfigura o presente, como ação interpretativa e material; o futuro, como abertura simbólica à continuidade da obra na leitura ou na transcriação como tradução intersemiótica. Como afirma o autor, "a tradução transforma o presente, transformando-se precisamente pela criação da sensibilidade humana: a criação criando os sentidos humanos" (Plaza, 2003, p. 89). Tradução, nesse horizonte conceitual, é uma

operação cultural que carrega consigo a tarefa de redimensionar o tempo. Sendo assim, ao atualizar e projetar, o tradutor não apenas media linguagens possíveis entre um ponto a outro ou entre diferentes meios, espaços e culturas, ele reconstrói sentidos históricos por meio da forma tradutória não literal e mediada pelas necessidades de um determinado público, seja artístico ou pessoas dentro de uma sociedade. Tal como afirma Plaza (2003, pg. 91), "a tradução intersemiótica é uma via de acesso mais interior ao próprio miolo da tradição", porque atua enquanto uma forma de leitura crítica, metacriação e reorganização estética da memória cultural e da comunicação simbólica.

4 Entre linguagem e sentidos: a reorganização estética da experiência

A tradução intersemiótica como transcriação é uma operação estética que traduz em um tom de voz crítico a política e a história ao trabalhar signos na cultura e espaços urbanos. Isso se torna possível, porque Plaza (2003) desloca o conceito de tradução para além de sua dimensão técnica, propondo que traduzir, nesse caso, é reorganizar sistemas de signos em uma nova forma de sentido, não como adaptação, mas como criação crítica situada. Esse entendimento se torna especialmente potente quando aplicado a dispositivos públicos como as bibliotecas-parque. Entretanto o que se encontra em jogo não são meros acessos à informação, mas a forma como as entidades de poder, se comunicam a partir do ato de traduzirem os seus territórios, como por exemplo, na construção de uma biblioteca.

As bibliotecas-parque, especialmente no modelo implementado em Medellín, na Colômbia, não foram projetadas como equipamentos culturais convencionais. Javier Naranjo Villegas (2008), afirma que o modelo colombiano não são bibliotecas apenas, são lugares onde as pessoas podem fazer uma leitura do mundo. A escolha das palavras importa: *leitura do mundo* significa reconhecer a comunicação simbólica e a voz que há nesses espaços como forma expandida de linguagem pública.

Na teoria de Plaza (2003, p. 69), essa linguagem se torna central quando o autor afirma: "a arte contemporânea é uma bricolagem da história em interação sincrônica", ele observa que, toda produção simbólica significativa é, antes de tudo, uma forma de reorganizar de modo sensível o tempo e as memórias. E se isso vale para a arte, vale para os espaços urbanos que pretendem atuar como territórios de mediação artística, cultural e informacional, onde o conhecimento de encontro com a realidade se traduz em produções sociais de sentido.

5 Uma primeira leitura de Transcriação da Biblioteca-Parque de Manguinhos

Nesta primeira leitura, foi observado o trabalho de Santos (2019) para entender que há uma potência simbólica na Biblioteca Parque de Manguinhos (BPM), e necessária para entender que ela não representa uma simples importação do modelo colombiano de bibliotecas-parque. O que acontece ali é um processo comunicacional mais profundo, que envolve tradução intersemiótica e transcriação simbólica. Em outras palavras: o que foi concebido em Medellín como política pública de leitura e cidadania é, em Manguinhos, reorganizado e ressignificado de acordo com os códigos urbanos, as práticas culturais e os afetos sociais do território carioca.

Naranjo Villegas (2008) revela a biblioteca-parque como um "lugar de leitura do mundo", enquanto Cardoso (2021, p. 45) a considera um "equipamento cultural híbrido", no qual a biblioteca se revela como um centro cultural e espaço de convivência, com foco em leitura, cidadania e fruição estética.

Na transcriação da BPM, é observada uma leitura radicalmente urbana. Não se trata apenas de oferecer livros em um novo endereço. O espaço é convertido em superfície de enunciação periférica. Os muros, grafitados com arte de rua; os encontros de *slam* que substituem o silêncio exigido nos espaços tradicionais de leitura, as oficinas de poesia marginal, o cineclube com filmes produzidos por jovens da comunidade e tudo isso em uma poética urbana local, o que se revela como traduções intersemióticas. Deslocamentos de códigos linguísticos, visuais, sonoros e corporais são, portanto, uma reorganização de sentidos da própria ideia de biblioteca-parque, mas com a glocalização da cultura local.

Essa reorganização, é observada na teoria de Plaza (2003), como uma forma de caracterização. Assim, esse processo de transcriação intersemiótica é entendido como uma travessia entre as linguagens e suportes que não buscam apenas a equivalência literal, mas reinvenção crítica. Quando uma ideia abstrata como "leitura" é expressa por meio do grafite, da dança urbana ou da performance de *slam*, estamos diante de uma leitura do mundo que se faz com o corpo, com o som e com a estética do território.

Esse processo também se dá no plano arquitetônico e simbólico. A arquitetura da BPM, aberta e convidativa, com pátios internos que funcionam como palcos e áreas de socialização, traduziu intersemióticamente o espaço fechado e reverente da biblioteca tradicional em um espaço fluido, dialógico e afetivo. Mas, o processo de transcriação não é linear nem pacífico. Ao lado da potência criativa da apropriação comunitária, emergem

também os riscos da *contratranscriação*: a tentativa do Estado de domesticar a BPM, utilizando sua imagem como vitrine da política de pacificação, esvaziando seu conteúdo crítico e reduzindo sua potência simbólica a uma narrativa de controle social. A disputa pelo sentido da biblioteca revela o quanto a tradução intersemiótica é uma arena de poder, em que diferentes leituras do mundo competem por legitimidade e visibilidade.

Manguinhos não apenas abriga uma biblioteca: ela a reescreve. A BPM é uma tradução intersemiótica em estado expandido. É a leitura que se faz com o corpo, a palavra e o gesto. E a transcriação simbólica de um espaço de silêncio em um lugar de voz. E é, sobretudo, a prova viva da comunicação urbana como prática estética, política e sensorial, capaz de traduzir o mundo em códigos que falem a língua de quem o habita.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo propôs uma inflexão no estudo do conceito de transcriação, deslocando-o de seu uso instrumental no campo das artes e da publicidade e propaganda para situá-lo como uma ferramenta epistemológica de leitura e reorganização simbólica em culturas urbanas. Contudo, nessa concepção de tradução de acordo com formulações inicias retiradas dos estudos de Plaza (2003), se tornou possível a compreensão de que transcriar não é apenas adaptar signos a um novo código, mas instaurar um gesto crítico e sensível de mediação de uma cultura à outra. Traduzir, nesse sentido, não é meramente um ato de converter a linguagem, mas a possibilidade de que a linguagem pode se reorganizar de acordo com a sua essência e transcendência de signos, o que significa dizer que essa reorganização corresponde à ordem dos sentidos, afetos e o pertencimento a partir de uma tradutória intersemioticamente, a transcriação.

Nesse sentido, o conceito de bibliotecas-parque para a presente pesquisa aponta a identificação desses espaços como possíveis arcabouços de culturas urbanas. Sendo as bibliotecas um modelo de espaço público onde é oferecido ao acesso à informação, e sendo superfícies intersemióticas de convivência e comunicação simbólica. Arquitetura, programação cultural e interação social são aqui compreendidas como elementos de uma linguagem expandida, que traduz o direito à cidade em presença estética e afetiva. Sendo, portanto, uma forma de reorganização do sensível, em que se deslocam papeis sociais e mediam simbolicamente formas de poder.

Além disso, a proposta de Plaza (2003), inspirada em Benjamin (1973) e Campos (1969), compreendeu-se que traduzir é tensionar passado, presente e futuro em um mesmo gesto criativo. Nessa perspectiva, as bibliotecas-parque tornam-se dispositivos de atualização da história em forma urbana. E assim, performam o tempo e o território ao reinscreverem sentidos dentro de contextos, os quais são historicamente silenciados.

Conclui-se, portanto, que a transcriação, enquanto tradução intersemiótica, opera como linguagem política e sensível de leitura e transformação de realidades urbanas. A biblioteca, nesse contexto, deixa de ser apenas espaço de leitura e passa a ser, ela própria, uma marca da leitura crítica no mundo.

Referências

ALVES, Daniela Gomes. *Transcriação: uma estratégia de tradução cultural na publicidade global*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic aspects of translation. In: BROWER, Reuben A. (ed.). *On translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1969. p. 232–239.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTOS, Karen Kristien Silva dos. Biblioteca Parque de Manguinhos: afetos, resistências e políticas no cenário cultural carioca. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, n. 5, p. –, maio 2019. Disponível em: https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1514. Acesso em: 21 jun. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. *Estética da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2001.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2006.